

**A + B** (14 out. 1886)\*

A. – Estive há poucos minutos com uma senhora, que veio desconsolada da sessão da assembleia geral,<sup>1</sup> vulgo fusão.<sup>2</sup> Rejeitou um passeio nesse dia, só para ter o gosto de ver a cousa, e não viu nada.

B. – Como, nada?<sup>3</sup>

A. – Nada, ou quase nada, disse-me ela; tal qual a passagem de Vênus,<sup>4</sup> tão rara como a fusão de câmaras,<sup>5</sup> e que eu também não vi nem por sombras. Respondi-lhe galantemente, que a passagem de Vênus não era rara, visto que ela ia todos os dias à rua do Ouvidor, e que se a não via, é porque a rua do Ouvidor não é um espelho. Parece-me que disse uma fineza, não achas?

B. – Talvez duas; mas a questão é saber por que é que ela não viu nada.

A. – Espera. Dita a fineza, insinuei-lhe que era melhor que nesse<sup>6</sup> dia tivesse ido ela comigo à câmara dos deputados...

B. – Mas não havia lá ninguém!<sup>7</sup>

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 287, p. 1, 14 out. 1886), DRR (p. 43-46) e OCA2008 (v. 4, p. 667-668). Texto-base: GN. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> assembleia geral,] Assembleia geral, – em OCA2008.

<sup>2</sup> Ver nota n. 7 em “A + B (22 set. 1886)” e nota n. 12 em “A + B (16 set. 1886)”. No folhetim “Microcosmo”, publicado no *Jornal do Commercio* em 10 de outubro, Carlos de Laet deu ao público, jocosamente, a seguinte definição: “A fusão é, em física constitucional, aquele fenômeno em que as duas câmaras, suficientemente escandecidas, mais ou menos liquidamente se entornam no mesmo recipiente.”

<sup>3</sup> Como, nada?] Como nada? – em DRR e em OCA2008.

<sup>4</sup> Passagem de Vênus, ou trânsito de Vênus, é um evento cósmico raro, que consiste na passagem de Vênus à frente do Sol (do ponto de vista de quem está na Terra) – é como ocorre nos eclipses: os três corpos (Terra, Vênus e Sol) ficam alinhados. As passagens de Vênus são raras, acontecem a cada 243 anos, e tendem a ocorrer em pares, separadas por oito anos. Nas proximidades da época em que esta crônica foi escrita, houve passagens de Vênus em 1874 e 1882. (Cf. WIKIPÉDIA. Disponível em:<<https://bit.ly/30oyZvB>>.)

<sup>5</sup> câmaras,] Câmaras, – em OCA2008 (nesta edição, a letra inicial desta palavra, tanto no singular como no plural, é sempre maiúscula).

<sup>6</sup> nesse] neste – em DRR e em OCA2008.

A. – Foi o que ela me replicou; eu disse-lhe que por isso mesmo que não havia ninguém, é que devíamos ir. Ela fez então o que devia: corou. Tu farias a mesma cousa; tu coravas.

B. – Mas se eu estou corando.

A. – Esperei que descorasse. Logo que descorou, expliquei-lhe que era para vermos, a gosto, na sala de espera, as tribunas que se mandaram fazer há tempos para os oradores, e que duraram, com perdão da palavra, *l'espace d'un matin*.<sup>8</sup> Ela, que esteve em Paris, perguntou-me espantada por que<sup>9</sup> eram muitas tribunas, em vez de uma, como viu lá. Respondi-lhe primeiramente, que as nossas eram duas, de vinhático e ridículas. Depois, dei-lhe a razão de serem duas.

B. – Que razão, homem de Deus?

A. – A razão foi terem feito a encomenda a um marceneiro que não tinha estado, por exemplo, em França, onde teria visto o que era a tribuna, que forma tinha, e em que lugar se punha; em seguida não terem emendado o regimento, que obriga a falar ao presidente, etc.<sup>10</sup>

B. – És sincero? Confessa que pregaste a essa senhora uma formidável amolação.

A. – Ao contrário.

B. – Não acredito... tu...

A. – Achou tanto interesse, que me perguntou por que é que as tribunas estavam na sala de espera, à vista de todos; expliquei-lhe que era para consolação dos contribuintes atrasados. Em seguida, falou-me de um discurso do jovem deputado Afonso Celso Júnior, que concluiu pedindo a supressão das bolas de votação.<sup>11</sup>

---

<sup>7</sup> A assembleia geral se reuniu no senado. (Cf. A fusão, *Gazeta de Notícias*, p. 1, 10 out. 1886) A julgar pela data da sessão da assembleia, esta crônica foi escrita (a crer também no cronista) no dia 9 de outubro. Dizia a notícia: “No senado reuniu-se ontem a assembleia geral, para rejeitar as emendas acerca da lei do elemento servil. [...] Muita gente nas galerias, patriotas dedicados e damas curiosas.” A presença de muitas mulheres nas galerias pode ter sugerido ao cronista a ideia desta crônica, que gira em torno de uma mulher que foi à assembleia geral.

<sup>8</sup> Verso de Malherbe, muito citado por Machado de Assis, do poema “Consolation à M. du Perrier”, motivado pela morte de sua filha. Eis a estrofe de que consta o verso: “Mais elle étoit du monde, où les plus belles choses / Ont le pire destin; / Et rose elle a vécu ce que vivent les roses, / L'espace d'un matin.” (MALHERBE, 1797, p. 135-139)

<sup>9</sup> por que] porque – em DRR e em OCA2008.

<sup>10</sup> Diz o regimento, em seu Art. 78: “Nenhum deputado poderá falar sem ter pedido a palavra, declarando se pretende falar pró ou contra, e lhe ter sido concedida, *dirigindo sempre o discurso ao presidente*, ou à câmara em geral.” (REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados, 1881, p. 28, grifo nosso)

<sup>11</sup> Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior (1860-1938), que tinha 26 anos quando esta crônica foi publicada, foi político e escritor, e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em que ocupou a

B. – Então a votação é por bolas?

A. – Aí está; você nem isto<sup>12</sup> sabe. É por bolas; a cor da bola dá a significação do voto. Ela perguntou-me se cada bola tinha escrito o nome do deputado; naturalmente disse-lhe que não; se tivesse o nome escrito, quebrava-se o sigilo, que é a alma deste mundo e do outro. Para isso a câmara, quando quer votação nominal, há de votar primeiro que o quer, – coisa tão rara como a passagem de Vênus.

B. – Mas, com os diabos, voltemos ao princípio! Por que é que ela não viu nada?

A. – Agora o amolador és tu. Deixa-me<sup>13</sup> concluir. Sabes o que ela me disse, depois de alguns minutos de reflexão? Que o melhor de tudo, nestas reformas parlamentares de uso interno, era fazer como se faz na indústria nacional dos chapéus...

B. – Essa agora!

A. – Foi o que eu lhe disse, mas por outras palavras delicadas; notei-lhe até certa contradição... Ela respondeu-me com um discurso do Martinho Campos.<sup>14</sup>

B. – Mas isso não é mulher, é um volume de *Anais*!

A. – O Martinho Campos, disse-me ela, esclareceu este negócio dos chapéus, no senado;<sup>15</sup> declarou que o nosso chapéu vem todo de França, aos pedaços; aqui o que se faz, é enformá-lo, expô-lo, comprá-lo e usá-lo. É o que se devia fazer com a tribuna.

---

cadeira 36, cujo patrono é Teófilo Dias. O “Regimento interno da câmara dos deputados” aprovado em 1870, em seu “capítulo XII” (DO MODO DE VOTAR), art. 184, dispõe o seguinte: “A votação por escrutínio secreto sobre negócios de interesse particular, quando tenha lugar nos termos do art. 178, se praticará por meio de esferas, procedendo-se à chamada e lançando cada deputado em uma urna, colocada em frente da mesa, à medida que o 1º secretário pronunciar o seu nome, uma esfera branca, se o voto for a favor, ou preta se for contrário à matéria proposta. Para este fim receberá do contínuo uma esfera branca, e outra preta. A esfera inutilizada, isto é, aquela que não servir para exprimir o voto, será lançada em outra urna.” (REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados acompanhado do Regimento comum, Constituição política do Império, Ato adicional, Lei de interpretação, Lei da responsabilidade dos ministros e dos conselheiros de Estado, 1881, p. 57) Não localizamos o discurso em que Afonso Celso Júnior pede a supressão desse sistema de votação. Entretanto, na sessão da câmara dos deputados de 17 de julho, Afonso Celso Júnior defendeu o disposto no artigo do regimento aqui transcrito, no curso de uma votação que se fazia de modo diferente das instruções nele contidas, do seguinte modo, conforme o relato publicado no *Jornal do Commercio*, em 18 de julho (p. 1, col. 2-3): “desde que há disposição regulando a votação por escrutínio secreto, não se pode justificar procedimento diverso por livre arbítrio da mesa; por conseguinte, em nome do regimento, pede [o sr. Afonso Celso Júnior] que a votação seja feita pelo modo do art. 184 do regimento”.

<sup>12</sup> isto] isso – em OCA2008.

<sup>13</sup> deixa-me] deixe-me – em DRR e em OCA2008.

<sup>14</sup> Martinho Álvares da Silva Campos (1817-1887) foi senador por Minas Gerais de 1882 a 1887. (Cf. <<https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2113>>.) Na sessão de 1º de outubro de 1886, Martinho Campos pronunciou discurso, em debate com o ministro da fazenda, Francisco Belisário, em que argumentou “que a maior [indústria] que há no Rio de Janeiro é dos chapéus de cabeça, e afinal aqui só se ornar, vindo já cortados da Europa.” (Cf. *Jornal do Commercio*, p. 1, col. 5, 2 out. 1886)

<sup>15</sup> senado;] Senado; – em OCA2008.

Depois, estendeu-me a mão, despedindo-se; eu perguntei-lhe por que<sup>16</sup> motivo não vira nada na assembleia<sup>17</sup> geral.

B. – Enfim!

A. – Ela emendou a mão. Ver, sempre viu alguma cousa; mas ia com a esperança de uma sessão cálida, agitada, muitos discursos; ouviu apenas três; não ouviu o primeiro, mas há de lê-lo, quando sair.<sup>18</sup>

JOÃO DAS REGRAS

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar (2008).

### Referências<sup>19</sup>

A ABOLIÇÃO no parlamento: 65 anos de luta (1823-1888). Apresentação do presidente José Sarney. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZLKPRb>>.

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYMQYY>>.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2WhuO3m>>.

---

<sup>16</sup> por que] porque – em DRR.

<sup>17</sup> assembleia] Assembleia – em OCA2008.

<sup>18</sup> Era costume na época a publicação, em jornal, não só dos discursos proferidos no parlamento, mas de todos os debates. Na sessão da assembleia geral do dia 9, falaram cinco parlamentares: Cristiano Otoni, Alves de Araújo, Gomes de Castro, Afonso Celso Júnior e Alencar Araripe. O primeiro a falar foi Cristiano Otoni; a fala de Alves de Araújo não estava prevista (ele falou por ter dado um aparte a Cristiano Otoni). Daí se conclui que os três discursos ouvidos pela senhora que lá esteve foram os de Gomes de Castro, Afonso Celso e Alencar Araripe. (Cf. *Gazeta de Notícias*, p. 1 e p. 2, 10 out. 1886; e *Jornal do Commercio*, p. 1, 10 out. 1886)

<sup>19</sup> As referências, apresentadas ao final de cada crônica, contêm as obras consultadas na preparação da edição de todas elas.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/EQq2h>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 277, p. 1, 4 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 287, p. 1, 14 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/PszNX>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 297, p. 3, 24 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/dUmIk>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://url.gratis/besQw>>.

CASTAGNA, Paulo. A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (HMB – Apostila 10). In: *Apostilas do curso de História da Música Brasileira*. [São Paulo]: Instituto de Artes da UNESP, 2003. 15 v. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cjx3wp>>.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. A série A + B de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Org.) *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 67-85.

DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil. Disponível em: <<https://url.gratis/8WkwR>>.

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. Le singe qui montre la lanterne magique. In: *Fables de Florian*. Limoges: E. Ardant, 1874.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IZZO, Francesco. *Laughter between two revolutions: opera buffa in Italy, 1831-1848*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2013. p. 22. Disponível em: <<https://url.gratis/usejb>>.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MALHERBE, François de. *Poésies de Malherbe*. Paris: Louvre, 1797.

MOLIÈRE. *Le médecin malgré lui*. (Université Paris 4 – Sorbonne) Disponível em: <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.

MOURA, Monize Oliveira. As turnês de Sarah Bernhardt no Brasil (1886, 1893, 1905): contribuições para o estudo da presença teatral estrangeira no Brasil no final do século XIX. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 84-99, 2017. Disponível em: <<https://url.gratis/7zy2Q>>.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Belo Horizonte, *Cadernos de História*, v. 11, n. 15, p. 9-34, 2º sem. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ibpmZa>>.

NABUCO, Joaquim. Sarah Bernhardt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1886.

REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados acompanhado do Regimento comum, Constituição política do Império, Ato adicional, Lei de interpretação, Lei da responsabilidade dos ministros e dos conselheiros de Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227291>>.

RUFUS, Quintus Curtius. *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*. New York: Appleton Company, 1854. Disponível em: <<https://url.gratis/QAuTk>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. 3. ed. rev. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOUSA, Eveline Almeida de. Henrique Beaurepaire Rohan e o espaço rural brasileiro no oitocentos. In: I SEMINÁRIO internacional Brasil no século XIX. Disponível em: <<https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf>>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/30oyZvB>>.